

## **PROGRAMA *LARICA TOTAL*: DESCONSTRUINDO ASPECTOS LINGUÍSTICOS DE ESTILO NO DISCURSO DO GÊNERO MASCULINO NO ÂMBITO DA GASTRONOMIA**

Juliane Paiva de Araújo OSIAS<sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
E-mail: julieneosias@gmail.com

**RESUMO:** Homens e mulheres vivenciam socializações distintas, o que gera usos linguísticos distintos para cada gênero. Assim, de um modo geral, o gênero masculino tende mais à variação linguística do que o faz o gênero feminino, e o estilo representa uma dessas formas de variação. Mas é evidente que outros fatores, tais como valores culturais e diferentes organizações sociais, podem modificar esse cenário. Um outro foco de análise nos domínios dos gêneros é a gastronomia, na qual o homem atua de modo dominante há séculos, mantendo-se num patamar social de pleno prestígio. Nossa hipótese era, então, que o gênero masculino, no âmbito da gastronomia (por ser este, historicamente, um ambiente de poder e prestígio exercidos por ele), tivesse usos linguísticos concernentes com as exceções, e não com a visão geral (que atribui ao homem maior tendência a variações). Enquanto discorremos acerca do gênero masculino inserido num panorama histórico da gastronomia, essa tendência confirmou-se. O mesmo não ocorreu, no entanto, quando da análise do recorte de dois episódios do programa *Larica Total*: um homem no seu histórico ambiente de domínio e prestígio, a cozinha, realizando, no entanto, usos linguísticos variantes e um estilo marcadamente informal.

**Palavras-chave:** Variação Linguística. Gênero. Estilo. Gastronomia.

### ***LARICA TOTAL* TV SHOW: DECONSTRUCTING LINGUISTIC STYLE ASPECTS IN THE MALE GENDER DISCOURSE IN THE AREA OF GASTRONOMY**

**SUMMARY:** Men and women experience different socialization, which creates distinct linguistic uses for each gender. Thus, in general, the male tends more to the linguistic variation than the female does, and the style represents one of these forms of variation. But it is clear that other factors, such as cultural values and different social organizations, can modify this scenario. When it comes to gender, another focus of analysis is the gastronomy, in which the man has been acting in a dominant way for centuries, maintaining a social level of full prestige. Our hypothesis, then, was that the male gender, in the area of gastronomy (because this was historically an environment in which man always enjoyed power and prestige), had linguistic uses concerning exceptions, not the general view (Being attributed to man greater tendency to variations). While we talk about the male inserted in a historical panorama of the gastronomy, this tendency was confirmed. The same did not occur, however, when analyzing the cut-off of two episodes of a TV show called *Larica Total*: a man in his historical domain and prestige environment, cooking, performing, however, variant linguistic uses and an informal style.

**KEYWORDS:** Linguistic variation. Gender. Style. Gastronomy.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal da Paraíba e doutora em linguística pela Universidade Federal da Paraíba

## INTRODUÇÃO

A motivação inicial para este artigo surgiu dos estudos introdutórios à Teoria da Variação e Mudança Linguística, especificamente no que tange à abordagem dos gêneros masculino e feminino.

Um outro foco de interesse – a Gastronomia – aparentemente um tema desvinculado de qualquer viés da variação linguística, veio ampliar a pesquisa em questão, mostrando-se um campo rico em análises e reflexões, especialmente no tocante à mesma questão: os gêneros masculino e feminino.

O objetivo principal é contribuir com as pesquisas sobre o tema *gênero (masculino e feminino)* no âmbito da variação linguística e, mais especificamente, realizar uma análise acerca da variação de estilo, inserindo tal estudo na esfera dos gêneros.

Iniciando nosso estudo, realizaremos uma revisão da literatura, começando por Beline (2001), Guy (2011 *apud* BELINE, 2001) e Mollica (2006), numa abordagem sucinta sobre a Teoria da Variação Linguística. Já Paiva (2004) e Oliveira (2006) serão as bases da nossa pesquisa quanto aos gêneros no âmbito da variação linguística. Em seguida, revisitaremos Labov (2008) e Lefebvre (2001) para discorrer sobre estilo e, só então, trataremos acerca da gastronomia e da atuação do gênero masculino na esfera da gastronomia, baseados em Scavone (2007), Gomensoro (1999 *apud* SCAVONE, 2007) e Ghilardi-Lucena (2007).

Para a análise, far-se-á um recorte de dois episódios do *Larica Total*, um programa de culinária veiculado pelo Canal Brasil, cujo âncora é o ator Paulo Tiefenthaler, com o intuito de analisar a variação de estilo encontrada, considerando o contexto, o público-alvo do programa, a intencionalidade e, principalmente, o gênero masculino em questão, em

comparação ao usual ambiente gastronômico masculino e suas realizações sócio-históricas de prestígio.

No que tange à terminologia a ser utilizada neste artigo, vale ressaltar que se priorizará o *gênero* – masculino e feminino – quando considerarmos homens e mulheres, ao invés do *sexo*, uma vez que nosso foco estará nas representações sociais do homem e da mulher ao inserirem-se nos contextos histórico e cultural, e não nos aspectos biológicos.

Scott (1989) esclarece que o gênero:

[...] é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas [...]. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1989, p. 7).

Será, então, a partir deste viés comentado por Scott (1989) que trataremos a questão dos *gêneros masculino e feminino* ao longo de todo este estudo.

## **1 A TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Antes de qualquer menção à variação linguística, há que se discorrer acerca da Sociolinguística, cujo foco de estudo aponta para os usos da língua nos domínios das comunidades de fala, especialmente os de comportamento heterogêneo, no âmbito de uma pesquisa que associa elementos linguísticos e sociais.

As áreas de interesse da Sociolinguística são várias – surgimento linguístico, extinção linguística e, entre outras, variação e mudança –, mas o nosso foco limita-se à questão da variação de estilo relacionada aos gêneros masculino e feminino.

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. (MOLLICA, 2004, p. 9-10).

Acerca do conceito de comunidade de fala, Beline (2011) esclarece:

[Comunidades de fala consistem em] agrupamentos de falantes que têm características linguísticas comuns. [...] Como o indivíduo vive inserido numa comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam. (BELINE, 2011, p. 128).

De acordo com Guy (2001 *apud* BELINE, 2011), a formação da comunidade de fala dá-se por falantes que:

- compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outro;
- comunicam-se relativamente mais entre si do que com os outros; e
- compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (GUY, 2001 *apud* BELINE, 2011, p. 129).

Quanto à variação propriamente dita, há que se esclarecer em que diferem os conceitos de variantes e variáveis linguísticas.

Em linhas gerais, as formas linguísticas alternativas propriamente ditas são as variantes, enquanto o fenômeno em variação é a variável. Mollica (2004) esclarece essa dicotomia:

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. (MOLLICA, 2004, p. 10-11).

“Variável dependente” relaciona-se com o fato de que a existência da variação não é livre, estando associada a *grupos de fatores*, ou seja, variáveis independentes, de estímulo social ou estrutural.

Segundo Mollica (2004), esses grupos de fatores – ou variáveis independentes – podem ser de **natureza interna à língua**, em cujo conjunto estão os aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, além dos semânticos, dos discursivos e dos lexicais, e de **natureza externa à língua**, ou seja, os *aspectos próprios do ser humano*, tais como etnia,

gênero (este, também social) e sexo, os *sociais*, tais como nível de escolarização, classe social, poder aquisitivo, entre outros, e os *contextuais*, como grau de formalidade e tensão discursiva.

A partir da ocorrência das variantes, pode haver uma estabilidade no comportamento delas, ou uma de suas formas pode até desaparecer, o que resultaria no fenômeno da mudança linguística.

Nosso interesse, no entanto, não aponta para o evento da mudança, e sim para as variáveis independentes, no que diz respeito à variação de estilo e ao gênero.

### 1.1 OS GÊNEROS NO ÂMBITO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Já não existe qualquer dúvida quanto ao fato de que homens e mulheres fazem usos linguísticos distintos, e uma marca muito presente nas pesquisas realizadas, no âmbito da Sociolinguística, em torno dos usos linguísticos realizados por esses sujeitos sociais é a constatação de que, numa visão geral, as mulheres tendem para variantes linguísticas de maior prestígio social, numa certa linha de conservadorismo, enquanto os homens comparecem com usos que, mais comumente, fogem ao padrão da língua.

É evidente, no entanto, que esta é uma generalização, pois há diversos fatores que podem alterar tal cenário, como afirma Paiva (2004):

A consistência do padrão que aponta o conservadorismo linguística das mulheres emerge da análise de variações em comunidades de fala ocidentais, que partilham diversos aspectos da organização sociocultural. Esse padrão pode ser revertido, no entanto, quando se consideram dados de comunidades de fala caracterizadas por outros valores culturais e outra forma de organização social (PAIVA, 2004, p. 35).

A ocorrência de um certo padrão linguístico revelado pelo gênero feminino, provavelmente, deve-se ao fato de que homens e mulheres vivenciam socializações distintas na comunidade de fala de sua referência, sendo os sujeitos do gênero feminino

mais exigidos em sua postura e conduta, o que, linguisticamente, pode gerar usos de uma aceitação mais ampla.

Paiva (2004) reitera esta questão:

A maior consciência feminina ao *status* social das formas linguísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social (PAIVA, 2004, p. 40).

Também Oliveira (2006) menciona que:

[...] do ponto de vista social, homens e mulheres têm papéis diferentes e estão, portanto, expostos a situações diversas. Assim, esse fator pode influenciar a escolha de uma ou de outra forma linguística. Estudos comprovam que, nos processos de variação estável, são os homens que utilizam as variantes inovadoras [...] (OLIVEIRA, 2006, p. 46).

Veremos que, na análise logo mais, esta discussão será retomada, e observaremos se a tendência variacionista, no ambiente gastronômico, identificar-se-á com a visão mais ampla, que aponta para o homem usos linguísticos menos conservadores, ou com a visão de que fatores diversos podem levar homens ao conservadorismo e mulheres a uma maior variação.

## 1.2 VARIAÇÃO DE ESTILO

Já nos tínhamos referido a *estilo* desde o início deste estudo, mas há que se esclarecer que a noção de estilo que temos mencionado não está relacionada àquelas noções que permeiam os estudos literários, estilísticos e retóricos, e sim às elaboradas para a língua falada, de acordo com a abordagem laboviana.

Segundo Lefebvre (2001), o modelo laboviano, no que tange à noção de estilo, tem base nos seguintes valores:

- i) Existem formas alternativas que têm um mesmo conteúdo referencial e que são intercambiáveis num dado contexto. [...]

- ii) Os membros de uma comunidade linguística atribuem um valor social às variantes e as utilizam de maneira socialmente significativa. [...]
- iii) Nenhum falante possui um único estilo. Os falantes variam seu modo de falar conforme a situação na qual se encontram. [...]
- iv) A seleção das variantes dentro de uma dada variável, portanto, não é livre; ela é determinada ao mesmo tempo pelo contexto linguístico em que aparece, pelos falantes que selecionam as variantes, assim como pelo contexto no qual estes falantes se encontram quando as selecionam.
- v) A seleção das variantes apropriadas não é categórica, mas se exprime em termos relativos.
- vi) A seleção de uma variante tende a se manifestar em co-ocorrência com a seleção de outras variantes às quais um mesmo valor social foi atribuído. [...] (LEFEBVRE, 2001, p. 221)

Para Labov (2008), o que pode ordenar os diferentes estilos é a quantidade de atenção que o falante dedicar à linguagem, de modo que, a depender dessa “quantidade”, ou seja, do grau de atenção que for disponibilizado, os estilos podem ser: *informal*, *cuidado*, *leitura de texto*, *leitura de palavras* ou *leitura de pares mínimos*. Concretamente, por exemplo, o estilo informal, segundo este modelo, demanda grau mínimo de atenção à linguagem – ou, talvez, nenhuma atenção.

Labov (2008), no capítulo “O isolamento de estilos contextuais” da obra “Padrões Sociolinguísticos” comenta, por exemplo, sobre o estilo *leitura de palavras*, tratado na obra como *lista de palavras*: “Um passo a mais na direção de um contexto mais formal é considerar a pronúncia de palavras isoladas” (LABOV, 2008, p. 108).

Lefebvre (2001) acrescenta outro dado relevante acerca da noção de estilo:

Todos os estudos que elaboraram uma noção de estilo [...] fizeram ressaltar o caráter funcional, em toda sociedade, da variação estilística. Escolhendo um estilo em vez de outro, um falante revela já uma grande quantidade de informação sobre si mesmo, a situação em que se encontra, o efeito que quer produzir sobre seu interlocutor, a relação que quer manter com ele, etc. [...] (LEFEBVRE, 2001, p. 235)

É este aspecto funcional do estilo que nos será relevante na nossa análise adiante. Nossa análise será a partir de dois episódios de um programa de culinária do Canal Brasil, sob o comando do cozinheiro Paulo Oliveira (interpretado pelo ator Paulo Tiefertalher).

Gênero masculino atuando no clássico ambiente de domínio masculino, a cozinha. Que estilo terá predominância no discurso desse *chef*?

## 2 UMA PITADA DE GASTRONOMIA

Apenas à guisa de informação, a palavra *gastronomia* deriva dos termos gregos *gaster* (que significa ventre, estômago) e *nomos* (que significa lei, conhecimento), resultando num sentido como “lei do estômago”, ou “conhecimento do estômago”.<sup>2</sup>

A citação que Scavone (2007) faz de Gomensoro (1999) comenta o conceito de gastronomia:

De estudo das leis do estômago passou a preceitos de comer e beber bem; a arte de preparar as iguarias para obter delas o máximo deleite, tornando-as mais digestivas. A arte de cozinhar de maneira que se proporcione o maior prazer a quem come. [...] Também se entende por gastronomia o ato de comer mais por prazer do que por necessidade. (GOMENSSORO, 1999, p. 252 *apud* SCAVONE, 2007, p. 11).

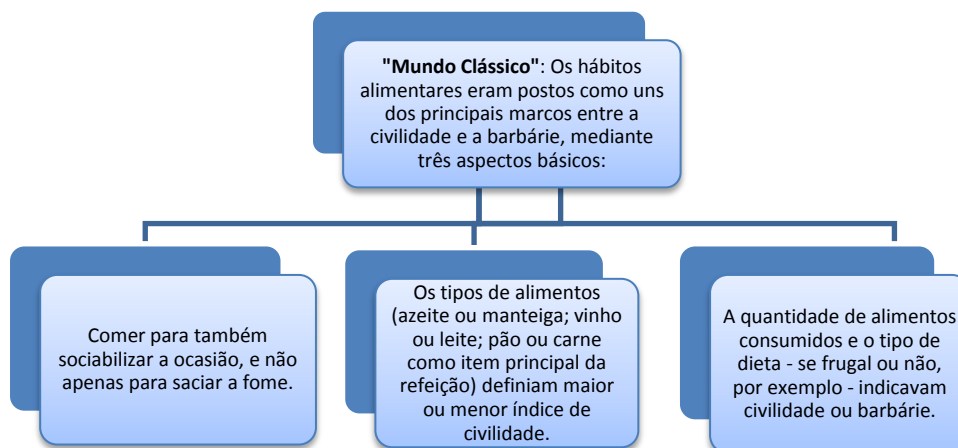
Observaremos que, no ambiente gastronômico, as relações sociais – e por que não dizer de *poder*? – entre homens e mulheres são bem diferentes das que descrevemos, até então, acerca dos fenômenos de variação linguística, nos quais o gênero feminino, em geral, faz usos linguísticos mais padronizados, enquanto o masculino realiza mais formas variantes.

Os assuntos relacionados aos hábitos alimentares estão mais mesclados à dinâmica sócio-histórica do que se pode, *a priori*, dimensionar. Segue, então, um breve mapeamento que comentará e ilustrará tal afirmação, de acordo com Scavone (2007).

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://gastronomia.forumeiros.com/t23-significado-de-gastronomia>>. Acesso em 07 jul. 2012.



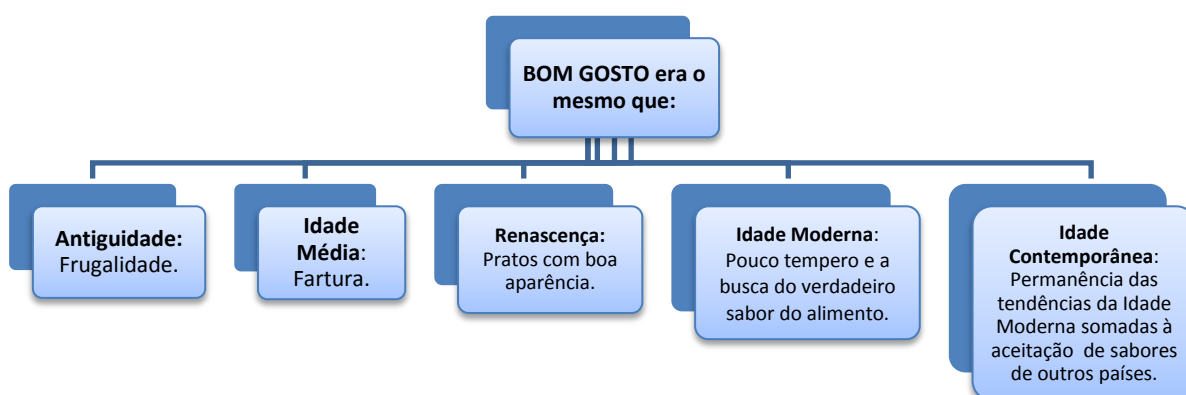


Fonte: a autora, baseada em Scavone (2007).

Num enfoque especificamente voltado à Idade Média, podemos afirmar que, neste período, a linguagem gastronômica definia as diferenças sociais, apontando as posições entre a cidade – dotada de prestígio social – e o campo – desprovido de prestígio social. Um exemplo disso eram os hábitos citadinos voltados ao consumo de pão branco (à base de trigo) e carne – fresca – de carneiro. Já os hábitos campestres voltavam-se ao consumo de pão preto e carne – salgada – de porco.

Um outro conceito intrínseco à gastronomia é o de *bom gosto*. Vale ressaltar, no entanto, que, ao longo da História, essa noção não foi estanque.

Quanto ao conceito de *bom gosto*, vejamos o resumo, perpassando as eras históricas:



Fonte: a autora, baseada em Scavone (2007).

Ficou claro que os hábitos alimentares e as dinâmicas sociais sempre caminharam juntos. Esteja o alimento relacionado a necessidades básicas, esteja relacionado a questões de bom gosto e sociabilidade, toda a simbologia em torno da comida e dos rituais associados a ela sempre estiveram entrelaçados com a própria História. Não é de se estranhar, então, que haja implicações sociais, políticas, linguísticas, entre outras, quando o assunto é gastronomia.

## 2.1 A ATUAÇÃO DOS GÊNEROS NO ÂMBITO DA GASTRONOMIA

Quando se trata de comida para o alimento diário e necessário à manutenção da vida, o caso é de *culinária*. Quando se trata de comida sofisticada, criada não necessariamente para saciar a fome, o caso é de *gastronomia*.

Culinária está para comida caseira, para a arte de cozinhar, em cuja base estão, principalmente, as mulheres. Gastronomia está para o culto do gosto e das escolhas que resultam em distinção e, de um modo geral, o espaço é masculino, as técnicas são criadas por homens, e o *status* também está com eles.

Como já foi mencionado, homens e mulheres têm vivências sociais distintas e ocupam lugares distintos na sociedade. No caso da “cozinha”, não é diferente, pois a cozinha ocupada – e comandada – pela mulher é aquele espaço doméstico e desprovido de prestígio social. Já a cozinha ocupada – e comandada – pelo homem é um ambiente qualificado, prestigiado e cada vez mais disputado num mercado em franca expansão.

Os homens *chefs* de cozinha são sujeitos sociais que não apenas criam pratos conceituais, num exercício até mesmo artístico, como também são os gestores de suas cozinhas, espaços sofisticados voltados à comercialização de uma cultura alimentar baseada mais no gosto apurado e na sociabilidade prestigiosa do que propriamente na necessidade básica do alimento.

Não é à toa, inclusive, que o termo consensual para “cozinheiro” seja *chef*, com toda sua carga de significados em torno de *poder e comando*.

Ghilardi-Lucena (2007) acrescenta sobre o *chef* e suas relações de poder:

O perfil dos homens que frequentam a cozinha [...] é o de sujeitos que fazem dela mais um espaço de poder. Nesse modo de relacionar-se com ela, o sexo masculino marca sua masculinidade ao expulsar a figura feminina do patamar conquistado como chef, especialista, enfim, de seu status de expert em gastronomia. (GHILARDI-LUCENA, 2007, p. 1711).

Um breve recuo na História far-nos-á compreender o porquê dessa hegemonia masculina nesse ambiente – a cozinha – aparentemente tão feminino. Para citar um exemplo, do ponto de vista dos membros tanto da nobreza quanto da burguesia, ter um cozinheiro era um indicativo de estilo, de bom gosto e, acima de tudo, de poder na escala social. O *chef* conferia *status* aos nobres e/ou aos burgueses, proporcionando-lhes momentos sociais marcados por refeições autorais, originais e sofisticadas. Nesse contexto, não se procuravam mulheres cozinheiras com seus conhecimentos culinários tradicionais, já tão difundidos e – por que não dizer? – até parcos diante da superioridade inventiva do homem, pois elas não confeririam aos pratos a necessária distinção.

Havia, no entanto, quem empregasse mulheres cozinheiras, mas num contexto adverso, como Scavone (2007) esclarece:

[...] quando as mulheres começaram a exercer a profissão de cozinheiras, recebendo pagamento por essa atividade, só eram empregadas por aqueles que não eram ricos o bastante para pagar um cozinheiro homem (na época, elas eram chamadas *cordons-bleus*) [...]. (SCAVONE, 2007, p. 37-38).

Estes aspectos da cultura gastronômica pareceram-nos cabíveis na discussão sobre gêneros porque se trata de um universo de um desprestígio acentuado no que tange à figura

feminina, que goza de pouco – ou quase nenhum – espaço, numa atuação social parca, paralela a uma vivência socialmente plena por parte do homem.

E é evidente que existem implicações linguísticas a partir de tão distintas vivências sociais. Retomando o item 1.1, eis aqui um exemplo de *outros valores culturais* responsáveis por reverter o padrão (que aponta o conservadorismo para as mulheres e a maior tendência a variações para o homem), mencionado por Paiva (2004): no ambiente gastronômico, a variante padrão fará parte mais coerentemente da realidade linguística do gênero masculino (no nosso caso, o *chef*), uma vez que é ele que circula nas rodas prestigiosas da sociedade.

### 3 ANÁLISE

#### 3.1 O PROGRAMA *LARICA TOTAL* E A “CULINÁRIA DA VERDADE”

No ar há três temporadas pelo Canal Brasil, canal veiculado por televisões não abertas, o *Larica Total* é um programa de culinária irreverente – ou é um programa irreverente de culinária! Ambos os sentidos cabem no contexto!

A direção, o roteiro e a montagem do programa são assinados por Caito Mainier, Felipe Abrahão e Leandro Ramos, e a produção, por Carambolas Produções.

O termo “larica”<sup>3</sup> é uma gíria que tem, entre outros, o significado de “fome” – tanto a fome propriamente dita, em seu emprego denotativo, como também “fome sexual” e até a sensação de estômago vazio advinda do uso de algumas drogas. No caso do programa, cabe o primeiro, fome como necessidade de alimento.

O slogan, “a culinária da verdade”, já aponta para o cerne da questão: não se trata da sofisticação da gastronomia, e sim de uma culinária da vida real, sem o *glamour*

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.achando.info/larica>>. Acesso em 26 jul. 2012.

gastronômico e capaz de lidar com a escassez dos ingredientes, por exemplo – é o que o texto da chamada de divulgação veiculada pelo Canal Brasil interpreta como “culinária de guerrilha”. Em outras palavras, comida para a sobrevivência na “batalha” diária da vida, principalmente dos solteiros ou quaisquer outros desprovidos de uma estrutura doméstica mais sólida.

Já neste ponto, identificamos um traço, no mínimo, inusitado diante do que tratamos, até agora, no que tange a cozinhas comandadas por homens: o programa em análise já foge desse padrão ao dispor de um homem fazendo “culinária”, e não “gastronomia” e tratando o resultado do seu trabalho como comida para a sobrevivência, e não para a sociabilidade e o *glamour*.

A chamada (criada pela agência carioca Loja Comunicação. Título do filme: “O sonho – Larica Total”, duração: 30 segundos.) que o Canal Brasil veiculou para a terceira temporada, com início em 10 de abril de 2012, resume essa ideia. Trata-se de um sonho de Paulo Oliveira, o cozinheiro do programa.

Num primeiro momento, ilustrado pela figura 1, ele é um elegante *chef*, em sua clássica vestimenta, falando um português com sotaque nitidamente afrancesado, anunciando que executará uma dada receita. O ambiente é sofisticado e asséptico, uma cozinha moderna e equipada.

FIGURA 1



Fonte: <[http://www.adonline.com.br/ad2005/rapidinhas\\_detalhe.asp=38617](http://www.adonline.com.br/ad2005/rapidinhas_detalhe.asp=38617)>. Acesso em 07 jul. 2012.

Num segundo momento, ilustrado pelas figuras 2 e 3, Paulo Oliveira acorda-se e, desleixado, deselegante e com os cabelos desgrenhados, caminha por uma cozinha pequena, simples e talvez empobrecida, em direção à geladeira, na qual, faminto, encontra apenas um ovo. Diante disso, ele comenta: “Opa, sonho louco! Que fome! ... Ovo! É, voltou pra realidade”. Em seguida, o locutor anuncia: “Larica Total: culinária de guerrilha é no Canal Brasil”.

FIGURA 2



Fonte: <[http://www.adonline.com.br/ad2005/rapidinhas\\_detalhe.asp=38617](http://www.adonline.com.br/ad2005/rapidinhas_detalhe.asp=38617)>. Acesso em 07 jul. 2012.

FIGURA 3



Fonte: <[http://www.adonline.com.br/ad2005/rapidinhas\\_detalhe.asp=38617](http://www.adonline.com.br/ad2005/rapidinhas_detalhe.asp=38617)>. Acesso em 07 jul. 2012.

É interessante observar que, conforme se pode constatar na ficha técnica, na figura 4, faz parte do *staff* do programa um consultor de gastronomia, o *chef* Mario Richard. Mas

o que se descortina, ao longo da programação, é a negação do que se conhece por gastronomia, em todo o seu formato e em toda a sua aura de sofisticação e distinção, imprimindo-se, na verdade, ares de autêntica culinária no âmbito da domesticidade.

FIGURA 4



Fonte: <www.canalbrasil.com.br>. Acesso em 07 jul. 2012.

### 3.2 O “chef” Paulo Oliveira em ação e a variação de estilo

Paulo Oliveira, interpretado por Paulo Tiefertalher, é um brasileiro que cozinha para si mesmo em sua vida de solteiro.

Embora ele esteja inserido socialmente na esfera do gênero masculino que atua no cenário gastronômico, suas ações giram todas em torno da desconstrução da imagem do homem *chef* de cozinha no domínio absoluto daquele ambiente.

Antes de mais nada, seu modo de conduzir as receitas objetivam a crença, por parte do telespectador, de que aquele ritual é simples e de fácil manuseio – não há mistérios,

não há segredos, não há reflexão alguma sobre o prato em questão, tampouco a autoria da receita é colocada em pauta, como o seria, caso se tratasse da real gastronomia.

Ao dar andamento às receitas, o “chef” refere-se ao prato que está desenvolvendo, utilizando-se dos termos os mais inusitados, como poderemos constatar na seguinte transcrição das falas do “cozinheiro” Paulo Oliveira, nos episódios 1 e 2, referentes ao “Frango Total Flex”:

#### EPISÓDIO 1:

*Rapaziada, boa tarde, meus amigos! Bem-vindo ao Larica Total, amigos solteiros e solteiras, amigos queridos, vagabundos, bêbados, alcoólatras, narcóticos anônimos, solteiros executivos! Todos mundos, todos os mundos, solteiros, estamos aqui para mais um Larica Total, o programa possível, dentro de uma realidade, a culinária da verdade, a culinária da guerra! [...]⁴*  
*Tá com medo? Tá com medo do arroz? Tá com medo do feijão? Heim? Vou até me aproximar de você pra gente ficar mais perto um do outro, pra vocês não terem medo, né, dessa coisa que é cozinhar.*  
*O solteiro e a solteira têm essa mania de ter medo da comida, de cozinhar, de fazer um arroz. Aqui, no Larica Total, está a sua solução, a sua companhia, eu sou seu amigo! Olha pra mim! Heim? Eu tenho cara que vou te ajudar?*  
*Aqui no Larica Total, você vai aprender a cozinhar um arroz. Aqui você vai aprender a cozinhar um feijão, uma batata. Vai aprender a abrir um... um... um... aquele negócio, um... Toddynho, um leite, um chocolate! [...]*  
*Hoje, no Larica Total, nós vamos fazer uma receita muito simples, a receita do Frango Total Flex! Então, vamos começar aqui. Primeiro, o frango. Vou explicar a vocês como é que a gente vai fazer, tá? É muito simples. Molho total flex, frango total flex, codorna total flex, peixe e camarão total flex, verdura total flex, né? O dedo da tua mãe total flex. [...]*  
*Olha aqui! Acontece nas melhores famílias: o frango tá estragado!*

#### EPISÓDIO 2:

*Então, o molho é o seguinte: ele é feito, basicamente, de ketchup e mostarda, tá? Mostrando rapidinho porque os fabricantes não estão nos patrocinando, então, assim, é rápido!*  
*Molho inglês e shoyu, sensacional! Um pouquinho mais caro, mas, assim, coce o bolso e você acha, vale a pena, mantenha em casa sempre. Muito bem!*  
*A água e sal – é normal! Tenham sempre água e sal, né? Agora, você pode usar também no molho pra dar aquela acrescentada gostosa, aquela coisa gostosa, um vinho, né? Não precisa gastar aquele vinho bom. Pega assim um vinhozinho desses assim, olha que maravilha, um vinho, não vou dizer o nome, né? Um vinho, o famosíssimo – é um vinho maravilhoso – é um vinho de Caxias do Sul!*  
*No final, você dá uma adocicada, cê vai botar um pouco de mel. Mel... mel... mel é caro. Mel é caro. O ingrediente mais caro aqui é o mel. É... ah! Orégano. Pimenta. Tudo coisa boa. [...]*  
*[Executando a receita...]*

<sup>4</sup> Estes espaços representam alguns intervalos na fala de Paulo Oliveira.



*Mostarda – pode ser qualquer uma, né? Olha, que bonito! Shoyu à la vonté<sup>5</sup>, amore. Chupa que é de coco!*

*Molho inglês. Orégano à la vonté, à la vonté e xablablau, tá? Xablablau, tá dentro!*

*Aí você mexe o molho e vai nessa. Acredita piamente que isso aqui vai ficar bom, você vai ver que eu tenho razão. Olha que bonito, olha a cor disso, bicho!*

*Agora, pra quebrar, o surpreendente, heim? O surpreendente, o que você não esperava: o mel! Imagina, no meio do limão, do ketchup, da mostarda, do vinho, do shoyu e do molho inglês, vem aí o mel! É só um xuá. Pronto.*

*Esse vinho é uma bosta, mas é o que tenho. Não reclama, pergunta pro, engole o choro, engole o choro! A vida é uma delícia, é só saber curtir, manter o humor. Porque, mais tarde, você, alimentado de frango, toda vez, sai pra rua bater papo, conhecer gente nova.*

*Frango! Esse tá na validade. Mas você tem que comprar o frango cortadinho em peitinhos. Essa peça aqui, essa peça já vem pronta, é boa pra churrasco, tá? No nosso caso, não serve muito, então, a gente vai fazer com o que tem porque aqui a vida é simples, então, vamo lá. Pô, mas essa faca... realmente!*

*Você faz o quê com o peitinho? Você bota no molho Total Flex, tá? Olha aqui, dá um banho no bicho. Dá um banho nele, deixa ele, deixa ele nadando um pouco. Cuidado com os ossinhos do frango. Muito bem. Pega o bichinho de novo, deixa ele tomando banho na piscina. Dá uma cortada. Cuidado com o dedo! Cuidado com o dedo! Olha que bonito! Olha que maravilha! Tá? Ok.*

*Falta muito pouco tempo pra gente servir o almoço. Essa é a frigideira mais, menos adequada que tem pra cozinhar, tá? Porque ela é pequenininha, né, mas é a que tem, cumpadi! E pau no fogo, heim? Pau no fogo! Agora é, agora é churrasco, churrasco. Deixa o fogo vir. Xiiii. Rock'n'roll. Vamo pra alegria, tá? Bota pertinho, pra você não se embananar todo, né?*

*Pra fazer essa comida, o tempo médio é 15 minutos. Esse vinho tá o capeta!*

[Depois de alguns segundos de silêncio durante a execução da receita...]

*Há esses momentos de apagão de cozinheiro. Meu amigo, esqueci o sal! A gente, nunca é tarde pra colocar o sal. Dicas: sempre em casa água, cerveja, sal, alho e cebola. Sempre, sempre, sempre, sempre. Pro resto da vida. Respira, né?*

*Preparar o prato! Ó, que bonito: menos um medo, menos um fantasma na sua vida. E aí agora, olha que bonito pra você servir: o Frango Total Flex no seu prato, certo? E você vai se surpreender.*

*Divirta-se. Divirta-se na sua vida!*

■ Inserindo elementos deste discurso no modelo laboviano, podemos nos ater, a princípio, ao fato de que o aspecto que ordena os diferentes estilos é a quantidade de atenção que o falante dedica à linguagem.

Está claro que o cozinheiro Paulo Oliveira, no uso de um estilo tão informal, aponta para um grau mínimo de “quantidade de atenção” dedicada à linguagem, por vários motivos, por exemplo: forjar uma ausência absoluta de distanciamento entre o cozinheiro e

<sup>5</sup> Paulo Oliveira faz menção, na verdade, à expressão francesa “à volonté”, popularmente conhecida como “à la vonté”. Mas, neste contexto, a expressão “à vontade”, pretendida por Paulo Oliveira, haveria de ser “à l’aise”.

o telespectador. Muita atenção dedicada à linguagem culinária num discurso mais cuidado, e isto, conseqüentemente, quebraria o clima de humor e camaradagem descomprometidos do programa.

Ignora-se, no discurso de Paulo Oliveira, toda uma gama de aspectos gramaticais, como a ocorrência do desvio de regência nominal em “*Eu tenho cara que vou te ajudar?*”, por exemplo, com o objetivo claro de tornar seu discurso mais flexível, cotidiano, real mesmo, o que se usa, de fato, no dia a dia, ao invés de construções bem articuladas, porém nada espontâneas.

■ Todos os estudos que elaboraram uma noção de estilo [...] fizeram ressaltar o caráter funcional, em toda sociedade, da variação estilística. Escolhendo um estilo em vez de outro, um falante revela já uma grande quantidade de informação sobre si mesmo, a situação em que se encontra, o efeito que quer produzir sobre seu interlocutor, a relação que quer manter com ele etc. [...] (LEFEBVRE, 2001, p. 235).

Antes de qualquer outro aspecto, o principal efeito pretendido pelo programa em relação ao telespectador é o humor, por isso, a escolha do estilo informal e, mais do que isso: despojado e até inusitado!

A *situação*: um programa de culinária que não pretende repetir o formato do homem *chef* de cozinha, dominando toda uma linguagem gastronômica. O programa tem como foco, basicamente, um público-alvo formado por jovens, principalmente solteiros – detalhe, inclusive, que Paulo Oliveira repete enfaticamente no início do primeiro episódio do Frango Total Flex (“*Rapaziada, boa tarde, meus amigos! Bem-vindo ao Larica Total, amigos solteiros e solteiras, amigos queridos, vagabundos, bêbados, alcoólatras, narcóticos anônimos, solteiros executivos! Todos mundos, todos os mundos, solteiros, estamos aqui para mais um Larica Total, o programa possível, dentro de uma realidade, a culinária da verdade, a culinária da guerra! [...]*”). Tudo, então, precisa ser muito jovial e

despojado de padrões – a começar pela linguagem. É isso que este público-alvo específico procura: um programa de culinária diferente, não uma mera repetição do formato mais do que já conhecido do *chef* de cozinha em sua sofisticada vestimenta, transitando em suas cozinhas impecavelmente equipadas.

O efeito que *O Larica Total* quer produzir sobre seu interlocutor é, acima de tudo, de humor. E o estilo da linguagem é uma das ferramentas para se alcançar tal objetivo. Além da cozinha precária (de padrão higiênico duvidoso) e do cozinheiro em si (sem qualquer indumentária adequada à situação e ao ambiente, além dos cabelos desgrenhados e desleixo total com a aparência), a variação de estilo é o que mais aponta para tal efeito.

A relação que o programa estabelece com o interlocutor é de identidade, acima de tudo. E todos esses elementos apontam para o caráter funcional da variação de estilo. Vejamos: por que “mergulhar o frango no molho por alguns minutos” transforma-se em *Dá um banho nele, deixa ele, deixa ele nadando um pouco. [...] Pega o bichinho de novo, deixa ele tomando banho na piscina?* Porque a função aqui é, de fato, desconstruir o discurso canônico da gastronomia, tornando-o engraçado, ridículo e acessível, principalmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo não se encerra em si mesmo, tampouco representa uma verdade absoluta. Bem contrário a isso, ele oportunizou tão somente uma reflexão quanto a duas situações: o comportamento linguístico do gênero masculino, numa visão geral, na sociedade, apontando para menos prestígio social e mais variação linguística, e o comportamento – desta vez, prestigioso – do mesmo gênero na esfera da gastronomia. Vislumbramos a oportunidade de ressaltar esse ambiente social em que o homem, ao

contrário do que ocorre nas realizações variacionistas, assume não apenas um posto social de prestígio, mas também de domínio, poder.

Na contramão desse viés, inserimos o discurso inusitado do cozinheiro Paulo Oliveira: gênero masculino, atuando no âmbito gastronômico. A partir de tal contexto, espera-se, *a priori*, um homem dominante, produzindo um discurso de estilo cuidadoso e gerindo o ambiente da cozinha como o *chef* que ele deveria ser: detentor do saber gastronômico, desenvolvido com aquela linguagem e em pleno exercício do poder, tudo isso numa aura de sofisticação.

Não é, entretanto, o que o programa *Larica Total*, do Canal Brasil, nos mostra. Num recorte de dois episódios, o cozinheiro, fazendo largo uso do estilo informal (conforme o modelo laboviano), expõe suas parcas habilidades de um *chef* caricatural que realiza usos linguísticos de estilo informal, um *chef* desprovido de saber gastronômico autoral e, ainda, um *chef* que executa mais a culinária doméstica do que propriamente a suntuosa gastronomia. É um *antichef*, um representante do gênero masculino que não exerce o prestígio esperado para o contexto sociolinguístico em que está inserido.

Finalmente, cumpre frisar, à guisa de esclarecimento, que o fato de o programa *Larica Total* ser claramente um pastiche de programa de gastronomia, com evidente intenção de humor, não nos deteve em direção a uma análise da variação de estilo, uma vez que este fator é um dos aspectos importantes para um estudo do caráter funcional do estilo. Portanto, isso apenas nos acrescentou dados e nos estimulou ao andamento da nossa pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à Linguística** – I. Objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. Estudos do gênero masculino: homens em revistas de culinária. In: MARTINS, Moisés de Lemos; PINTO, Manuel. (Orgs.). **Comunicação e Cidadania** – Atas do 5. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação – Universidade do Minho, setembro, 2007.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma (Movimentos no interior do português brasileiro). In: BAGNO, Marcos. (Org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). Disponível em: <ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6874.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEFEBVRE, Claire. As noções de estilo. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Norma Linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 203-236.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística** – O Tratamento da Variação. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, Josane Maria de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. Disponível em: [www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/OliveiraJM.pdf](http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/OliveiraJM.pdf). Acesso em: 23 jul. 2012.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística Brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

PAIVA, Maria da Conceição A. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística** – O Tratamento da Variação. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCAVONE, Naira. **Discursos da gastronomia brasileira: gêneros e identidade nacional postos à mesa**. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13731](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13731)>. Acesso em: 19 jun. 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Trad. Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. 1989. Disponível em: [www.4shared.com/office/XCWKugpJ/JoanScott\\_-\\_Gnero\\_uma\\_categor.html](http://www.4shared.com/office/XCWKugpJ/JoanScott_-_Gnero_uma_categor.html). Acesso em: 23 jul. 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística** – O Tratamento da Variação. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.